

Iole de Freitas/Justificativa para uma exposição

O percurso do trabalho de Iole de Freitas permite colocar e discutir questões presentes na arte brasileira e internacional desde a década de 70 aos dias de hoje: da arte contemporânea e seus antecedentes aos impasses da escultura na atualidade. Nos seus primeiros trabalhos Iole utilizava a fotografia como um instrumento/documento da presença do corpo como simultaneamente real, simbólica e imaginária. Numa situação privada e íntima Iole fundia esses três planos da vivência corpórea numa experiência única e extrema; extrema ao ponto de exigir a presença mesmo do corpo nú e frágil. O fotografia era o meio de análise objetiva de ações, gestos e movimentos carregados de tensão, ansiedade e até violência. A faca e o espelho - os elementos ao mesmo tempo reais e simbólicos que Iole utilizava como contrastantes e ameaçadores ao corpo - metaforizavam aquilo que a fotografia realizava no plano da imagem: cortes, desmembramentos, fragmentações. Iole transferia então para um mínimo de matéria - o papel fotográfico - uma intensa experiência com/do corpo cuja origem certamente está no seu envolvimento anterior com a dança. A direção progressiva que o trabalho toma, no início dos anos 80, no sentido da escultura nada mais demonstra do que a sua corência interna. Essa transferência do corpo para a matéria, como um observar-se de fora, vai exigir um embate com as coisas que resistem, com a corporeidade inerte exterior e o abandono do plano metafórico. A escolha de materiais flexíveis, primeiro a borracha e depois as malhas metálicas, indica o envolvimento até, e principalmente, da atividade muscular, de um encontro corpo a corpo com a matéria, uma verdadeira transferência da corporeidade. Logo essas esculturas vão assumir dimensões que ultrapassam em muito os limites corpóreos e se transformam em entidades que, no espaço, acumulam gestos, movimentos, ações que já não são de um só, de um corpo só, mas de muitos. Talvez por isso no seu horizonte legítimo esteja o espaço público. Creio que o processo, o desenvolvimento e a transformação do trabalho de Iole de Freitas nesses últimos 25 anos pode ser visto como uma inteligente, coerente e esclarecedora parábola dos impasses e problemas que a arte contemporânea brasileira e a escultura em especial herdou do passado - a tradição construtiva e o neo-concretismo principalmente - ; as influências dos movimentos internacionais - arte conceitual, minimal e arte povera - e a sua permanência - diferencial nesses tempos ditos pós-modernos.

Paulo Venancio Filho

P/ Tadeu Chacchi